

.Nunca Uma Ilha.

Filipe Baptista-Bastos

Resumo

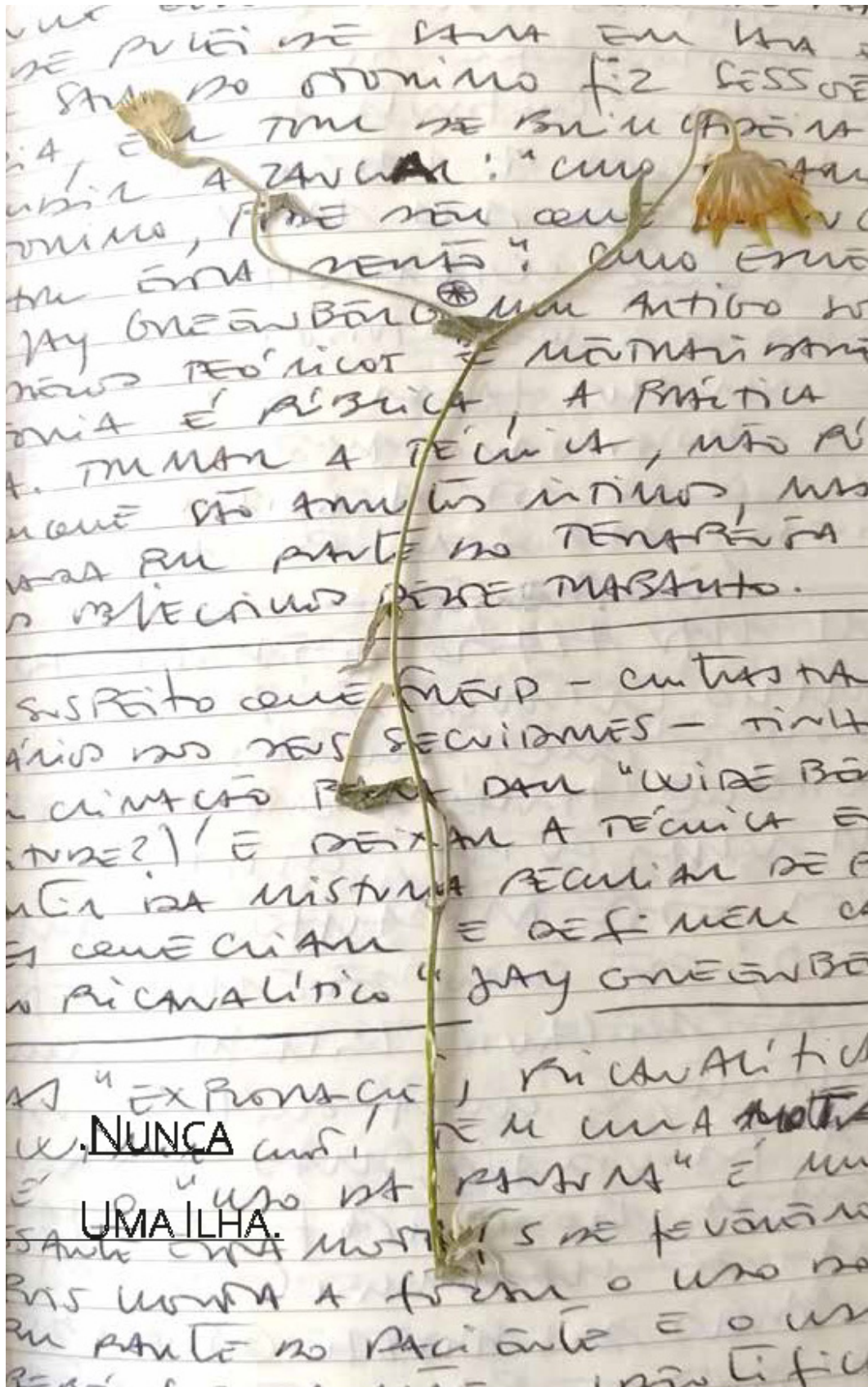
„Nunca Uma Ilha”, trata-se de uma conferência escrita para o Webinar: “Psicoterapeutas no Tempo do Medo”, organizado pela Associação de Psicanálise Relacional. E tem uma escrita clínica particular, porque foi feita em cima do momento, sem tempo para reflectir ou teorizar sobre a radical alteração que a Pandemia do Covid 19 trazia (traz). A ideia: foi ligar a influência, sempre tão poderosa e neste contexto ainda mais, que a vida do Psicoterapeuta tem, ao trabalho clínico que desenvolve. Neste texto, o Psicoterapeuta, recorre a Escritores psicanalíticos, filosóficos e ficcionais para se encontrar numa enorme tempestade emocional que estava (está) a suceder. A humanização, a fragilidade do Psicoterapeuta, surgem como uma ferramenta de trabalho e não como uma figura de estilo. Assim, como a impossibilidade de haver um trabalho clínico neutral ou de haver uma teoria pulsional, sem ter em conta a teoria de campo, de subjectividade em Terapia. O texto foi escrito para acompanhar e ser acompanhado pelos meus Camaradas de profissão.

Palavras-chave: Covid 19; Psicoterapia; Transferência do Psicoterapeuta; Terapia online; Escrita psicanalítica

Abstract

Never an Island”, is a conference written for the Webinar: “Psychotherapists in the Time of Fear”, organized by the Association of Relational Psychoanalysis. And it has a particular clinical writing, because it was done on top of the moment, without time to reflect or theorize about the radical change that the Pandemic of Covid 19 brought (brings). The idea: it was to link the influence, always so powerful, and in this context even more, that the life of the Psychotherapist has, to the clinical work he develops. In this text, the Psychotherapist, uses psychoanalytic, philosophical and fictional writers to find himself in a huge emotional storm that was (is) happening. The humanization, the fragility of the Psychotherapist, appears as a work tool and not as a figure of style. Thus, like the impossibility of having a neutral clinical work or a pulsional theory, without taking into account the field theory, of subjectivity in Therapy. The text was written to accompany and be accompanied by my Comrades of profession.

Keywords: Covid 19; Psychotherapy; Psychotherapist transference; Online therapy; Psychoanalytical writing



NUNCA

UMA ILHA.

Boa noite a todos, espero que estejam bem. Gostava de vos ter aqui ao pé de mim, mas sabemos que não é possível. E por isso, preciso de imaginar o burburinho da sala da Associação de Psicanálise Relacional, aqui, perto de mim, na Guerra Junqueiro. Fixo a troca de olhares, a escolha de cadeiras: “Quem é este? Quem é esta?”, os cumprimentos e abraços, o nervosismo, antes de uma conferência, a curta troca de palavras, as pessoas que chegam atrasadas e tocam à porta, os cheiros, o desejo de pertencer e estarmos juntos, diferentes, como uma comunidade de Psicoterapeutas que somos.

E porque vivemos em comunidades, quero entregar-vos este texto, mas preciso dedicá-lo à Equipa de Psicoterapeutas com quem trabalho: O W+, um grupo de Psicoterapeutas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa que cuida de jovens lisboetas a precisar de Terapia, mas não têm condições económicas para fazê-lo em clínica privada. Conseguimos fazer do público, privado e agora ainda mais, julgo eu, porque trabalhamos a partir das nossas casas, com as pessoas que estão em Terapia, sem dias, nem horas, procurando socorrer, como podemos, os pedidos que temos e vamos atrás de antigos pacientes, triagens feitas há 4 semanas ou familiares que nos parecem em risco, para lhes oferecer o nosso auxílio. Por isso: Sónia Santos; Inês Piteira; Dora Matias; Margarida Bruto da Costa; Patrícia Silva; Catarina Luz; João Jorge; Ana Luísa, Camarada; Valdo, Brô; Filipa, que coragem, Senhor Alfredo, como o senhor não há mais ninguém, e aos outros, que não vou continuar a citar, senão, não saio daqui, este texto é para vocês, com o meu mais terno abraço.

.Nunca Uma Ilha.

“Nada o homem receia mais do que ser tocado pelo desconhecido. Uma pessoa quer ver aquilo que lhe toca, quer ser capaz de o reconhecer ou, pelo menos, de o situar. Em toda a parte, o homem evita ser tocado pelo desconhecido. Sobretudo de noite ou no escuro, um contacto inesperado pode levar o susto a transformar-se em pânico. Nem mesmo a roupa garante segurança suficiente, já que é tão fácil rasgá-la, já que é tão fácil penetrar até à carne nua, macia e indefesa do agredido!

Todas as distâncias que os homens criaram em seu redor foram ditadas por esse receio do contacto. As pessoas encerram-se em casas, nas quais ninguém pode penetrar, e só dentro delas se sentem meio seguras.” (escreveu tão bem *Elias Caneti*, em 1960, no livro *Massa e Poder*, pág.13.)

Neville Symington disse-nos que os momentos de catástrofe são os que alteram a nossa vida. Já não me lembro onde li isto, se num artigo, como o “The Essence of PsychoAnalysis as Opposed to What Is Secondary” ou no livro “The Making of a Psychotherapist”, mas, francamente, tanto faz, as ruas estão vazias, as pessoas encontram-se na solidão e no desespero dos momentos íntimos, de um fim que se anuncia na cabeça delas. Solta-se o primitivo, o que aflige cada um e se há ideias e práticas que fazem sentido na Psicanálise, este momento trouxe essa importância.

Eu e o nosso Camarada de Profissão Rogério Fonseca estamos a conversar, como fazemos sempre na Supervisão, e eu conto-lhe:

- “Estes momentos trazem a urgência que há dentro de nós e das pessoas que estão connosco em Terapia.”

- “Explique lá isso melhor!” Disse o Rogério. Com aquele ar de sobressalto, de quem sabe sobre o que vamos falar, mas tem curiosidade em falar sobre o assunto.

- “Dou-lhe o exemplo de um miúdo que tenho em Terapia há muitos anos, que foi uma tentativa de aborto e os médicos salvaram-no e ele teve vários problemas de saúde ao longo do crescimento, com internamentos hospitalares. Já lhe falei nele. O miúdo estava em Sessão, ouvia uma ambulância ao longe e dizia-me: “Ouviste Filipe?” e eu dizia que não e ele indicava que era uma sirene. Costumava dar esse exemplo nos Seminários Clínicos do 1º Ano, para falar sobre a posição Esquizoparanóide de *Melanie Klein*. Mas o miúdo recusava, perpetuamente, a dor e o sofrimento que a hospitalização lhe trouxera. Negou sempre, e eu não insistia naquilo, não me fazia sentido. Havia tanto para trabalhar, como a inexistência da Mãe ou uma Mãe em fragmentos e colocada em qualquer mulher, numa idealização, o que nos levaria à Defesa Moral de *Fairbairn*, mas não vou por aí. Ele recusava sempre tudo isto e a 11 de Março, com a crise do vírus a aumentar e um ambiente social de uma tensão enorme – eu mesmo tinha um semblante deformado de ansiedade, confrontado com o maior dos não-saberes do *Bion* e o medo da morte – o miúdo começa aos gritos repetidos em Sessão:

- “Eu não quero ir para hospital! Odeio o hospital! Não quero que me toquem e que me agarrem! Não gosto Filipe! Não gosto que me agarrem e me ponham a seringa no braço! Lembras-te quando me puseram uma seringa no pé, quando eu tive uma pneumonia?”

- “Lembro-me Miúdo!”

O “Sujeito Suposto Saber” *Lacaniano*, ficava aqui, absolutamente, aos papéis, desorientado com o que iria ou não fazer a seguir, perante um desconhecido tremendo. No dia que veio, à noite, ouvi o Primeiro Ministro dizer: “Lutamos pela nossa sobrevivência!”



Figura 1 - Paul Klee, Mask of Fear, 1932.

Que medo!, era o decretar de uma Guerra e tudo isso iria atravessar a minha vida e a das pessoas que estão comigo em Terapia ou com quem me relaciono. Aliás, estas letras negras, escrevo-as a dia 13 de Março e não sei o que irá suceder. Nunca sabemos, não é?, mas a nossa vida e experiência contam mesmo. O *Robert Stolorow* tem razão; na simplicidade em como declara o subjectivo em qualquer momento da vida humana e o *Thomas Ogden* faz sentido: quando procuramos orientação naquilo que, possivelmente, não tem. Aliás, foi o que *Freud* fez ao criar a Atenção Flutuante: deixarmo-nos ir à procura de um sentido que está lá para nós, é só preciso encontrá-lo. Procuramos tradutores de acontecimentos. Um Google Translate mental, interior.

E nessa procura, dou conta que estou num discurso repetitivo, de Sessão em Sessão, como um Mantra: tem de haver Princípio da Realidade; porque estamos ameaçados, não é um delírio, mas não podemos entrar na fobia de nos isolarmos e entrar em pânico. Estou nisto, estou nisto, estou nisto, como um Diazepam para dentro das pessoas, até que me lembro da SIDA; da minha infância; do António Variações: de imagens demasiado coloridas de São Francisco; de medo; de se dizer que o vírus ia pelo ar, que se contraía por um simples aperto de mão. Todos os medos, o Medo, reinventando o título do livro do Júlio Cortázar, “Todos os Fogos, o Fogo” e foi isso que disse a um rapaz que estuda Psicologia, é Diabético tipo 1, como eu, e está comigo em Terapia. Não sabemos, recorremos ao que já tivemos, vivemos, aprendemos.

O que decidir? Que fazer? Fechado em casa – com a sorte de ter o consultório no rés-do-chão – mas a tomar conta dos filhos e a ter de substituir a escola nos ensinamentos formais, que pessoas poderia ver por Skype?; WhatsApp?; falar pelo telefone? ou mesmo trocar e-mails?, como se trocavam cartas em mil e oitocentos e mil novecentos. As escolhas não são óbvias e o esforço para manter Terapias na trincheira tem de valer. Os mais aflitos; que precisam de sentir a presença do outro, os mais doidos, com diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia; a quem a nossa presença é fundamental, como raiz de mudança, eram uma escolha clara, nem que fosse pelo risco que representavam e pela culpabilidade que teria, caso sucedesse alguma coisa a alguém e eu não estivesse lá. Mas e os outros... de manhã, após uma Sessão por WhatsApp, que não representava grande diferença, porque se tratava de alguém com quem já tinha feito Terapia através destas Aplicações... “não representava grande diferença”, queria eu que não representasse, não é assim, porque me perguntou como estava, assim, como outra pessoa que tenho em Terapia me perguntou, quando lhe liguei, para saber, como estava e se queria manter a Terapia por estes meios, que não os presenciais, me perguntou:

- “Olá Filipe! Está contaminado?”

Nada é igual, mesmo que quiséssemos. Mas nessa manhã, após fazer loga, correr em casa, descer ao consultório com álcool na mão, porque a seguir queria ir à rua comprar cigarros, vieram-me à cabeça duas pessoas que me pareciam bem *encaminhadas* no *processo terapêutico* (que é uma expressão de fugir e, em momentos como este, em que estamos tão angustiados, que nem sabemos bem o que é melhor, ainda se torna pior) e fiquei a pensar numa forma de falar com eles, não sei bem porquê. Talvez porque os sentisse muito semelhantes a mim. Como se me procurasse salvar neles, salvando-os. Não sei bem, mas acercou-me a ideia do Fantasma Freudiano.

Como algo que se mascara na vida quotidiana e depois aparece na desordem, como a cara na multidão. Este é o momento em que os Fantasmas saem à rua. Na nossa rua emocional.



Figura 2 - Karel Appel , Phantom with Mask, 1952.

Vejo uma imagem de Veneza, da Ponte dos Suspiros, quando abro o portátil, e lembro-me da cidade e dos milhares de pessoas a calcorrearem-na. A proibição de passear as malas com rodinhas pelo chão, por causa do barulho. Correndo todos os riscos de estacar no meio da multidão e ser abalroado, não podia ficar calado agora, seria como ficar em silêncio quando alguém, que está connosco em Terapia, agoniza. Um Analista não é neutro. “Os nossos medos são as nossas fraquezas”, diz-me o meu filho mais novo, a passar por mim, enquanto me abraça e segue para a brincadeira. Parece que sim, nos dias que correm e em quaisquer outros.

Freud, quando chegou aos Estados Unidos da América, parece que disse ao Jung que levava com ele a Praga. Talvez seja preciso uma Praga para lutar contra outra Praga. Uma Praga de cooperação, de auto-reconhecimento e de reconhecimento do outro. É preciso profundidade e o écran, à partida, não nos dá o mergulho e a espessura necessária a uma Psicoterapia. Só a ligação permite isso, uma preocupação verdadeira que ajude a superar o obstáculo da tela. Os Psicoterapeutas têm cara; têm nome; têm família. Não se podem esconder no anonimato. Só uma pessoa ajuda outra pessoa. Um Autómato não ajuda ninguém. Ou, então, estamos agarrados à velha teoria pulsional da descarga do desejo e necessidade. Aí sim, ligamo-nos a quem quer que seja que ature uma descarga. Até no filme Blade Runner – Perigo Iminente, o humanoide ajuda o humano porque quer sê-lo. As linhas de telefone em que o Terapeuta é incógnito servem para vangloriar o Terapeuta e não me parecem úteis para quem procura ajuda. Movemo-nos por relações e não por objectos, senão

ficamos somente bichos. Li um belíssimo artigo da Analista Americana *Jamieson Webster* (“Psychoanalysis in Time of Plague”, na *New York Review of Books*), uma Terapeuta que ficou em casa, sem trabalhar por videochamada, porque não sente a Psicanálise sem ser presencial. É um belo artigo, bem escrito, com *élan*, mas eu remeto-me a Freud e às “*Ambulatorium*”, as clínicas grátis de tratamento psicanalítico no fim da Primeira Grande Guerra. Estou mais próximo de uma Terapia que está com os outros e que usa os recursos necessários para ajudar e não de uma Terapia que está ao serviço de si mesma. Aliás, o Psicoterapeuta existe como pessoa, sempre, e não, apenas, como reação à pessoa com quem está em Terapia. Transcrevo parte do comentário de Ernst Falzeder na “Correspondência Completa - S. Freud, S. Ferenczi: 1917-19”, durante a Primeira Grande Guerra: “Freud encontra-se impossibilitado de comunicar com familiares e discípulos; os seus três filhos estão mobilizados e é quase impossível visitar a sua filha Sofia (*que morreu com a gripe espanhola*) ou outros parentes que tem na Alemanha. Otto Rank, seu confidente mais íntimo em Viena, está deslocado em Cracóvia; a correspondência com Ernest Jones, na inimiga Inglaterra, é muito difícil e só é possível por terceiros e os seus Pacientes perdem dinheiro ou são mobilizados, assim, restam apenas uns Húngaros, enviados por Ferenczi. Algumas vezes está de “mau humor”, deprimido e assustado, e outras quase eufórico.” E reproduzo o texto para termos a noção de que não estamos sozinhos, que um dos maiores criadores do que é a Psicoterapia moderna viveu num difícil período histórico, estando em causa, sem resposta. Voltando a *Symington*, que não será, propriamente, um Relacional de livro, mas que tem textos, absolutamente, extraordinários, como, por exemplo, “The Analyst’s Act Of Freedom as Agent of Therapeutic Change.” Bom, mas, *Symington*, no livro sobre “O Pensamento Clínico de Wilfred Bion”, escreve: “Analista e Paciente encontram-se numa situação de maior ou menor caos encoberto. Para começar a compreender algo neste caos, podem ser feitas tentativas de dar um nome a uma ideia ou a um estado emocional do Paciente.” Está claro que, neste momento, temos de usar recursos muito diferentes dos que tínhamos e que, talvez, a intensidade de uma técnica *Winnicottiana*, que, quer se queira, quer não, é física, vivida, corpo e alma, terá de ser ajudada pelas ideias de *Bion*, que são intelectuais, metafóricas, interpretativas e onde a contenção tem o foco na mente.

E a divagar, devaneio para o gosto que dá, cada baforada num cigarro e como comprar cigarros passou a ser um processo higiénico de desinfetar os plásticos que protegem os maços. E penso: como manter o nosso papel de Psicoterapeuta em contacto e não sermos um Psicoterapeuta estéril. Como ultrapassar os écrans. E há boa literatura sobre o uso dos Skypes, dos WhatsApp’s e dos Zoom’s, como o artigo da Australiana, *Mary Bayles* (“Is Physical Proximity Essential to the Psychoanalytic Process? An Exploration Through the Lens of Skype?”). A minha preocupação é cuidar dos que estão sozinhos ou sós. Como diz outro Analista, este de Nova Iorque, Michael Eigen, a nossa função é acolher o outro. A minha escolha, entre clínica privada e pública, foi cuidar, acolher aqueles que mais de nós precisam e esses são os que estão mais aflitos. Aos outros, dei o espaço que senti que precisavam, sem insistir, nem a apossar-me, deixando a minha porta aberta para entrar e para sair, como diz a *Dilette Azevedo e Silva*.

Em Terapia, um homem vai desvanecendo, à medida que a luz do dia se esgota e cara dele desaparece e ficam dois pontos vermelhos, detrás dos óculos. “Deixe-me ajudá-lo a sair dessa escuridão.”, digo. Este Vírus, Deus Ex-Machina, que nos remeteu a um exílio de quatro paredes, em qualquer zona do mundo, veio despachar-nos para as consultas no écran e procuramos trazer a naturalidade do nosso peso e do *Enactment* para o que é um recurso artificial. Se bem que o que fazemos é fabricado, mas não é artificioso. E muito foi o discurso da Culpa, de que tratámos mal a Terra – o que é verdade – e agora pagamos o mais elevado dos preços, a angústia perante o desconhecido e a morte. A angústia do 7º mês do bebé: separação. Um discurso medieval, quando a História é, finalmente, tão necessária e a Psicanálise tem isso, a reconstrução histórica da pessoa, a reescrita de uma narrativa já batida e disfuncional.



Figura 3 - Giovanni Segantini, The Evil Mothers, 1894.

A Pandemia, expulsou de nós, cá para fora, os medos mais primitivos e tal e qual o discurso *Kleiniano*, veio atrasar-nos à posição esquizoparanóide, com dificuldade em aceitar a posição depressiva. Isto acontece, já aconteceu com a gripe espanhola, a Peste, a Lepra. Foi aliás com o fim da Lepra que surgiu a hospitalização dos doentes mentais, como explicou *Michel Foucault*. Veremos o que nos trará este isolamento forçado.

Cativeiro. É muito cedo, seja para dizer o que seja, a não ser, vincar a força da relação humana. Retorno a autores de que gosto e dos quais me socorro, como a *Byung-Chull Han*: somos um *Enxame*, teclando em casa, procurando socorrer quem podemos, fazendo Sessões, através de telemóveis e portáteis, receando que a bateria termine, que a ligação esteja débil e que possa não se entender o que o outro diz. Um pesadelo do qual não conseguimos sair. Estes são dias em que as ideias são engolidas pelos pensamentos. A dia 18, diz-me o meu filho mais velho: “A perfeição não existe.”

A Psicoterapia é uma prática imperfeita, inacabada e imprevisível. Feita dos milhares de relações que a descrevem, há mais de um século. Tal como a sombra que foge de nós, como no livro de *Dino Buzzati* e sentimo-nos castrados do nosso poder como Psicoterapeutas; ou a menina, minha Paciente, com fortíssimos ataques de pânico que vai trabalhar para os Cuidados Intensivos de um grande Hospital de Lisboa e ficou na *linha da frente* da Infecção, como ficámos nas trincheiras da 1ª Grande Guerra, e não tem medo do vírus, tem medo dela mesma; como o miúdo, também comigo em Terapia, que ainda não percebeu que existe uma Pandemia e está preocupado com uma pistola que quer comprar, porque, ainda ontem, os tipos do Bairro ao lado dispararam sobre um amigo dele e furaram-lhe o braço (“Sorte, podia ter morrido!”, digo eu); e o meu Paciente mais antigo em Terapia, que esteve uma vida inteira em desconfiança, distante do Princípio da Realidade, e agora o Delírio é facto e afinal o medo é o Real; e o Senhor, que foi e está sempre no limiar de ser Sem-Abrigo, que, por telefone, se queixa de que já não podemos dar um abraço e nem dois beijinhos pode dar às senhoras, porque não é possível tocar nos pixels. Tudo isto e muito mais.

Sinto falta de estar com as pessoas na mesma sala; de, mesmo cansado, pousar à vontade no sofá, sem o desgaste de estar concentrado numa imagem; sinto necessidade de olhar, olhos, nos olhos, com o corpo tenso, quando interpreto ou me emociono com o que me dizem; vejo, a esta altura, que há desequilíbrios, causados por esta situação, que podem trazer benefícios a certas Terapias, porém, a minha preocupação central é estar cá, como um Psicoterapeuta, desejando que a minha forma, que julgo contemporânea, relacional, de viver a Psicanálise, possa ajudar.

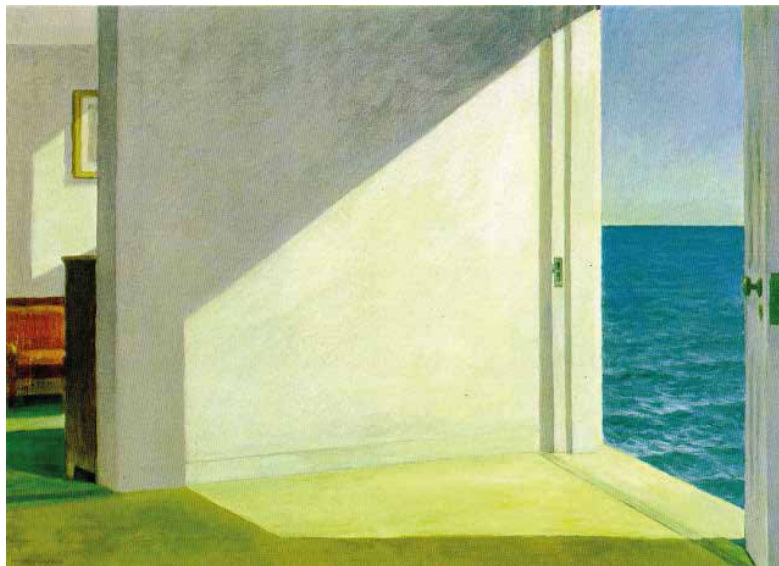


Figura 4 - Edward Hopper Rooms by the Sea, 1951.

Obrigado, por me escutarem.

Lisboa, 15 de Abril de 2020.

Referências

Bayles, M. (2012). Is physical proximity essential to the psychoanalytic process? An exploration through the lens of skype. *Psychoanalytic Dialogues*, 22(5), 569-585.

Buzzati, D. (2018). *O segredo do bosque velho*. Cavalo de Ferro.

Canetti, E. (2014). *Massa e poder*. Cavalo de Ferro.

Cortázar, J. (2002). *Todos os fogos o fogo*. Planeta DeAgostini.

Falzeder, E. & Brabant, E. (Eds.). (2001). *Sigmund Freud, Sándor Ferenczi. Correspondencia completa. 1917-1919*. Editorial Síntesis.

Han, B. (2016). *No enxame. Reflexões sobre o digital*. Relógio d'Água.

Symington, J. & Symington, N. (2014). *O pensamento clínico de Wilfred Bion*. Climepsi Editores.

Symington, N. (1983). The analyst's act of freedom as agent of therapeutic change. *International Review of Psycho-Analysis*, 10(3), 283-291.

Symington, N. (2012). The essence of psycho-analysis as opposed to what is secondary. *Psychoanalytic Dialogues*, 22(4), 395-409.

Symington, N. (1996). *The making of a psychotherapist*. Karnac Books.

Webster, J. (2020). *Psychoanalysis in time of plague*. New York Review of Books. Retirado de <https://www.nybooks.com/daily/2020/04/01/psychoanalysis-intime-of-plague>.